

# RESENHA

BAKAN, Joel. **A Corporação: a busca patológica por lucro e poder.** São Paulo: Novo Conceito, 2008, 272p

*José Claudio Ramos Sussay*

Como as corporações atingiram o poder que possuem na atualidade? Qual a influência que as corporações exercem em nossas vidas? Quais são, e até onde vão os artifícios utilizados pelas corporações para a maximização de seus lucros? Essas são algumas das questões que, Joel Bakan, Professor de Direito da *University of British Columbia* (Canadá) tenta desvendar neste livro. Utilizando-se de entrevistas com diversos estudiosos favoráveis ou contrários às corporações, tais como: Noam Chomsky, Milton Friedman, Naomi Klein, Peter Drucker, entre muitos outros; além de diversos casos ocorridos, Bakan analisa a corporação atual como um paciente em um divã de um consultório, constatando os aspectos de sua “busca patológica por lucro e poder” que segundo o autor, desembocam numa patologia psicopata conferida à corporação. Há a apresentação de vários casos neste livro, corroborando as análises realizadas pelo autor.

No primeiro capítulo, intitulado “A ascensão da corporação para o domínio”, Bakan faz uma análise pormenorizada sobre o surgimento das corporações que, num primeiro momento se comportariam como sociedades limitadas, isto é, associações criadas apenas para execução de certas tarefas (limpeza de um rio, construção de uma ferrovia). A partir do início da Revolução Industrial a corporação, com o auxílio dos marcos legais criados desde então, começaria a tomar as proporções atuais. Estes marcos permitiam à corporação características como: responsabilidade limitada de seus acionistas (os acionistas não eram responsabilizados em caso de quebra da empresa) e principalmente, o reconhecimento da corporação como pessoa jurídica através da 14ª emenda (criada originalmente para defender os interesses dos afro americanos).

Juntamente a essa jurisprudência criada, houve intensas campanhas de marketing para propagar uma visão “familiar” da corporação, vistas anteriormente como “leviatãs desalmados”. Por fim, Bakan faz uma análise preliminar sobre o poder que as corporações possuem na atualidade, observando aspectos que estas impõem: desregulação trabalhista, livre comércio, criação de personalidades para cada marca (branding); concluindo que as corporações “governam a sociedade” e introduzindo suas colocações acerca da dita “responsabilidade social corporativa”.

Em “Negócios como sempre”, segundo capítulo, o autor discute o imperativo legal utilizado pelas corporações para produzir lucros através alguma da jurisprudência por trás dela. Bakan afirma que os executivos não possuem os lucros, eles devem agir no interesse dos acionistas ou então serão responsabilizados pelos acionistas. É pontuada uma citação de Henry Ford em 1919 como dizendo: "Um lucro razoável é correto, mas não em excesso" (p.42). Os principais personagens do Capítulo Dois são: o Prêmio Nobel de Economia Milton Friedman; Noam Chomsky, que, talvez surpreendentemente, concorda com Friedman que as empresas têm a obrigação de seus proprietários e não com a comunidade; John Browne, presidente da British Petroleum, corporação com notável discurso ambientalista; Norma Kassi, uma ativista na Nação Gwinch'in (Ártico) argumentando contra a perfuração realizada pela Briish Petroleum perto de aldeias sua nação; Hank McKinnel, CEO da Pfizer, que revitalizou um bairro em Nova Iorque, bem como uma empresa-escola patrocinada; Anita Roddick, fundadora da The Body Shop, que descobriu que era mais difícil do que imaginava integrar suas crenças pessoais em sua própria companhia aberta; Marc Berry, um especialista em espionagem corporativa (uma das usuais práticas no mercado), e o Dr. Robert Hare, professor emérito da *University of British Columbia*. Hare realiza um diagnóstico da corporação como um psicopata, onde esta seria exclusivamente interessada em si mesma, irresponsável, manipuladora, com complexo de grandeza, falta de empatia e tendências antissociais; se recusam a aceitar a responsabilidade, são incapazes de sentir remorso e, finalmente, relacionar com os outros superficialmente.

Bakan em “A máquina externalizadora”, terceiro capítulo, analisa como a corporação otimiza seus custos através da criação de externalidades, tanto ambientais quanto sociais. Milton Friedman define externalidade como: “efeito de uma transação (...) para um terceiro que não havia consentido em participar da realização dessa transação” (p.72). Os casos citados se concentram em externalidades sociais, como a lógica de preços da General Motors em processos envolvendo acidentes de transito, onde esta, em vez de tornar seus veículos mais seguros

preferem manter baixos custos, pagando multas e taxas legais. Além deste caso, são citados: a exploração do trabalho em países subdesenvolvidos, demonstrado no caso da linha de roupas Kathy Lee Gifford e a rede varejista Wal Mart; a General Electric com uma extensa lista de violações legais ao meio ambiente; e novamente a British Petroleum, que mantém falhas no cumprimento das normas de segurança e manutenção de seus campos de petróleo, causando explosões que possam prejudicar os seus trabalhadores e ao meio ambiente.

No quarto capítulo, “Democracia Ltda.”, são demonstradas as formas que as corporações utilizam para minimizar suas regulações. Seu principal exemplo é a tentativa de golpe contra o governo de Roosevelt nos anos 30 (EUA). Os líderes empresariais não estavam satisfeitos com a política do New Deal implementada após a crise de 1929, que freava a liberdade e as ações das corporações na época. Estes líderes elegeram Smedley Butler, general condecorado do exército dos EUA participante de diversas ações que garantiram a atuação de corporações em várias partes do mundo, para o comando. Butler, não concordando com o plano, denunciou o golpe ao congresso dos EUA, frustrando seus mentores. Na atualidade, as corporações se utilizam de todos os tipos de “lobby” para o refreamento das regulações (trabalhistas, negociação de ativos), como caso emblemático a Enron, que através de ações de queda de regulações no congresso e em outros órgãos, chegou a condição de falência.

Em “Corporações ilimitadas”, quinto capítulo, se analisa como a corporação se utiliza de todos os meios, públicos e privados, para sua atuação. A privatização do ensino, através da tutela de escolas publicas por empresas é apresentada como uma nova forma de negócio, obviamente que devastadora para a qualidade do ensino. A questão da publicidade e seus novos usos é estudada, com principal foco no “*Nag Factor*” (Fator Importunação), que consiste na utilização das crianças e adolescentes para a criação de necessidades de consumo. Através de estudos realizados por psicólogos infantis, foram observados os métodos utilizados pelas crianças para importunar seus pais para o consumo de produtos, estes muitas vezes prejudiciais para sua saúde. Além desse aspecto é apresentado outros aspectos da utilização da propaganda, como a utilização dos espaços públicos para anúncios; e a utilização do “marketing *stealth*”, que consiste na exposição de marcas a todo momento, onde o diferencial é a dita invisibilidade.

No sexto e último capítulo, de nome “Acerto de contas”, o autor reafirma o caráter onipresente da corporação na atualidade. É salientado o papel do Estado para a existência da corporação e para que esta tenha verdadeiramente objetivos públicos, além da mobilização social

contra as ações maléficas das corporações. Concluindo sua análise, o autor faz algumas proposições otimistas para a superação do quadro atual: melhoria do sistema regulatório, fortalecer a democracia política, criação de uma esfera pública forte, desafiar o neoliberalismo internacional. Por fim, cremos que esta obra é de grande valia para se compreender o papel da corporação da atualidade e de se organizarem formas de resistência a estas ações